

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O TEMPOESPAÇO DAS BRINCADEIRAS

Luana Maurren Conte Silva¹
José Firmino de Oliveira Neto²

RESUMO

O presente trabalho apresenta como foco de reflexão as questões de gênero no contexto da Educação Infantil (EI), sobretudo no *tempoespaço* das brincadeiras. Nesse sentido, objetivamos apreender as dinâmicas de gênero no contexto das brincadeiras na EI. A pesquisa ocorreu mediante uma abordagem de pesquisa qualitativa, por meio de um estudo bibliográfico. Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. As discussões acerca das questões de gênero têm avançado na sociedade nos últimos anos, sendo então tomadas como pauta no universo da escola, o que inclui a EI. A vida cotidiana da EI, em diferentes momentos e de distintas formas, faz emergir as relações de gênero, quer seja na presença de professores do sexo masculino nas instituições; no momento do banho, ou mesmo no brincar, no qual crianças e professores acabam por reiterar uma concepção de sociedade. Por fim, ressaltamos a importância de evidenciarmos discussões no campo de gênero na EI, com vista a (re)construção de crianças e professores outros, quer seja, que se percebam na diversidade do mundo e respeitem todas as formas de manifestação social.

Palavras-chave: Gênero; Educação Infantil; Brincadeiras.

GENDER RELATIONS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE TIMESPACE OF PLAY

ABSTRACT

The present work presents as a reflection focus the gender issues in the context of Early Childhood Education (EI), especially in the time space of games. In this sense, we aim to apprehend gender dynamics in the context of games in Early Childhood Education. The research took place through a qualitative research approach, through a bibliographic study. Gender is a constitutive element of social relations founded on perceived differences between the sexes, which provides a means of decoding meaning and understanding the complex connections between the various forms of human interaction. Discussions about gender issues have advanced in society in recent years, being then taken as an agenda in the school universe, which includes IE. The daily life of EI, at different times and in different ways, makes gender relations emerge, whether in the presence of male teachers in the institutions; at the time of bathing, or even playing, in which children and teachers end up reiterating a conception of society. Finally, we emphasize the importance of highlighting discussions in the field of gender in IE, with a view to (re)building other children and teachers, that is, who perceive themselves in the diversity of the world and respect all forms of social manifestation.

Keywords: Gender; Child education; Jokes.

Recebido em 13 de março de 2022. Aprovado em 31 de março de 2022.

¹ Centro Universitário Araguaia. E-mail: luana.maurren@estudante.uniaraguaia.edu.br

² Centro Universitário Araguaia. Rede Municipal de Educação de Goiânia. E-mail: jose.neto@uniaraguaia.edu.br

INTRODUÇÃO

Os estudos desenvolvidos neste trabalho envolvem as categorias sexo e gênero, nesse sentido iniciamos as reflexões pontuando o que seja um e outro. Enquanto sexo se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, ou seja, algo relacionado com feminino e masculino, o gênero diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem (MOSER, 1989). Segundo Joan Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. Este papel começa a ser construído antes mesmo de o indivíduo nascer, com a preparação do enxoval de acordo com o sexo que historicamente a cor de rosa para as meninas e azul para os meninos.

Segundo Foucault (1979), o “sexo” é um efeito, mais que uma origem, e que, longe de ser uma unidade dada e essencial, é, enquanto categoria, o produto de práticas discursivas específicas. Ainda segundo o autor:

A noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. Além disso, apresentando-se unitariamente como anatomia e falha, como função e latência, como instinto e sentido, pôde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução; desse modo, aquele saber, sem nada receber realmente dessas últimas - salvo algumas analogias incertas e uns poucos conceitos transplantados - ganhou, por privilégio de vizinhança, uma garantia de quase cientificidade; mas, através dessa mesma vizinhança, certos conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de princípio de normalidade à sexualidade humana (FOUCAULT, 1979, p. 144-145).

O gênero é uma construção social, que capta e concede significados ao indivíduo como homem ou mulher. E, a partir dessa diferenciação o indivíduo terá de se vestir, se comportar, e agir de forma que dizer ser adequado para o seu gênero. Para Izquierdo, 1992, poderíamos nos referir aos gêneros como obras culturais, modelos de comportamento mutuamente excludentes cuja aplicação supõe o hiperdesenvolvimento de um número de potencialidades comuns aos humanos em detrimento de outras.

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Desta forma a sociedade espera que essa menina ou menino, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar (MARX *apud* IZQUIERDO, 1992).

O tema gênero na escola é muito discutido hoje em dia, principalmente para tentarmos superar o modelo tradicional que ainda oportuniza na atualidade separação de gênero no ambiente escolar. A diferença que existe entre os dois sexos, como composição corporal e as qualidades físicas, ajudam a reforçar o preconceito, desta forma as atividades que exigem menor esforço físico estão mais presentes nos movimentos das meninas, exaltando características de delicadeza e fragilidade como definidoras de sua identidade motora, no caso dos meninos as atividades que exigem mais esforço físico que exaltando a característica de fortes são atribuídas como atividades masculinas.

Segundo Louro (1997) preconceito de gênero no ambiente escolar abala meninos e meninas e reforça os privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade. Esses privilégios acabam por proporcionar diferenças no desempenho motor de meninas e meninos; algumas brincadeiras preferidas pela maioria das meninas conduzem à passividade, enquanto os meninos geralmente preferem atividades consideradas mais ativas e vigorosas. Desta forma são criados padrões de feminilidade e masculinidade que são considerados normais ou desviantes. Os conteúdos atribuídos à oposição masculino/feminino não são decorrentes da dimensão biológica dos seres humanos, mas de fatores culturais que variam de cultura para cultura.

As diferentes formas de tratar as meninas e os meninos precisam ser modificadas no espaço educacional. Necessitamos de uma instituição de educação que não reproduza preconceitos, que não incentive e não aceite a discriminação de gêneros. Desta forma, contribuimos para formar uma sociedade justa, com equidade³ de gênero.

Dado o exposto, questionamos neste trabalho como as relações de gênero tem se (re)estruturado nas brincadeiras no contexto da Educação Infantil. Assim, objetivamos apreender as dinâmicas de gênero no contexto das brincadeiras na EI.

A pesquisa ocorreu mediante uma abordagem de pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa tem como principal objetivo revelar o que permeiam o cotidiano educacional, identificando processos que pelo fato de ser parte da realidade na rotina da unidade de educação infantil, o que passa despercebido pelos próprios sujeitos envolvidos. Conforme Triviños (1987, p.128) esse movimento de investigação considera o fenômeno não apenas em sua manifestação aparente, mas penetra em sua estrutura íntima, latente, inclusive não visível à simples observação.

Assim, o tipo de pesquisa empregado foi a pesquisa bibliográfica que pode ser apreendida como uma revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico, podendo ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. Conforme Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Dessa forma, o texto está organizado em dois tópicos um inicial com discussões nos quais são realizadas reflexões acerca das questões de gênero no contexto da EI, seguido sobre as relações entre jogos e brincadeiras na EI e as relações de gênero.

Relações de gênero na Educação Infantil

Ao longo do tempo, a concepção sobre a criança e a infância foi se modificando, o que está imbricado a novos rearranjos sociais. A ideia de criança que se tinha no século XIX não é a mesma que prevalece nos tempos atuais. O tratamento dado a uma criança do sexo

³ Segundo o dicionário Michaelis, a palavra **equidade** é definida como uma disposição para reconhecer imparcialmente o direito de cada um.

masculino era, em muitos casos, diferente do tratamento recebido por uma criança do sexo feminino, pois “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p. 76).

A sociedade medieval tradicional não enxergava a criança com bons olhos, não existia a valorização da família ela era apenas a conversação dos bens. Não havia diferenciação entre as crianças e os adultos, usavam os mesmos estilos de roupas e de linguagem, não havia um sentimento de carinho aos mais novos. “[...] mal adquiria algum embaraço físico, era misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos” (ÁRIES, 1978, p. 11).

A educação também não era diferente, pessoas de faixas etárias diferentes frequentavam a mesma sala de aula e recebiam o mesmo ensino. É na Idade Moderna que essa visão que se tinha da criança se modifica, mas apenas a criança nobre tinha um tratamento melhor, e neste contexto surge os Pedagogos que eram os escravos, eles conduziam as crianças à escola.

No Brasil, a educação pública só teve início no século XX. Após algumas décadas várias alterações se sucederam, a pré-escola não tinha caráter formal, não havia professores qualificados e a mão de obra era muita das vezes formada por voluntários, que rapidamente desistiam desse trabalho (MENDONÇA, 2012).

Inicialmente, é importante elucidarmos o que consiste a EI, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394 de 1996, em seu artigo 29, é a “[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p. XX).

A primeira etapa da educação básica é oferecida em creches e pré-escolas. De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009, reitera que esses espaços educacionais têm como finalidade promover a autonomia das crianças nas ações do cuidado pessoal, auto-organização, constituindo-se como um tempo-espaço onde possam se sentir bem, através da garantia de seus direitos, bem como oportunizem a interação da criança com os membros da instituição educativa. É na EI que a criança vai conhecer seu próprio corpo, entender os limites de si e do próximo, por meio da ampliação de suas relações sociais e aprender as diferentes linguagens verbais e corporais para se comunicar e socializar.

O ensino infantil constitui o trabalho com crianças de zero a seis anos de idade. É nessa fase que acontece o primeiro contato da criança com a escola, é importante sabermos que essa fase é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Nesta fase são trabalhados os aspectos: cognitivo, físico, motor, psicológico, cultural e social dos pequenos, através de atividades lúdicas que favorecem a sua imaginação e criatividade. Segundo Vygotsky (2007, p. 122):

É na atividade de jogo que a criança desenvolve o seu conhecimento do mundo adulto e é também nela que surgem os primeiros sinais de uma capacidade especificamente humana, a capacidade de imaginar (...). Brincando a criança cria situações fictícias, transformando com algumas ações o significado de alguns objetos.

É fundamental que as pré-escolas e creches recebam as crianças abertas para com seus conhecimentos e particularidades. Neste ponto, cabe lembrar que para que todas as dinâmicas de ensino-aprendizagem possam de fato acontecer é de suma importância que o professor que irá atuar EI tenha uma boa qualificação. Barbosa (1997, p. 132), nos diz que o

trabalho nas creches e pré-escolas é mais amplo do que simplesmente um desenrolar de atividades recreativas ou de entretenimento. “A ludicidade e a brincadeira, são dimensões importantes, mas não totalizam a intencionalidade pedagógica na educação infantil”; requer articulação e domínio do conhecimento (BARBOSA, 1997, p. 149).

Uma formatação com espaços, tempos, organizações e práticas construídos no seio das intensas relações entre crianças e entre crianças e adultos. Segundo Faria (2006, p. 87):

[...] neste espaço da sociedade vivemos as mais distintas relações de poder: gênero, classe, idade, étnicas. Desse modo é necessário estudar as relações no contexto educativo da creche e pré-escolas onde confrontam-se adultos – entre eles, professor/a, diretora, cozinheira, guarda, pai, mãe, secretário/a de educação, prefeito/a, vereador/a, etc.-; confrontam-se crianças, entre elas: menino, menina, mais velha, mais nova, negra, branca, judia, com necessidades especiais, pobre, rica, de classe média, católica, umbandista, atéia, “café com leite”, “quatro olhos”, etc.; e confrontam-se adultos e crianças – a professora e as meninas, a professora e os meninos, o professor (percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento) e os meninos, o professor e as meninas, o professor e a mãe da menina.

Desta forma, é interessante o professor fazer trabalhos em grupos com suas crianças, gerando a interação entre eles. Esta interação é rica de conhecimentos que serão compartilhados entre eles, mostrando como é conviver com pessoas com pensamentos e vivências diferentes das suas.

Segundo Lucchini (2008) o gênero na escola é um tema muito falado hoje em dia, principalmente porque queremos sair daquela ideia do tradicional que menina não pode jogar futebol e menino não pode brincar de fazer comidinha. Mas ainda hoje é associado que as atividades que exigem menor esforço físico e são mais leves e suaves, são movimentos feitos por meninas, desta forma exaltando que ser mulher é ser delicada e frágil.

Lucchini (2008), nos mostra ainda que na conjuntura educacional, podemos atentar que existe ainda hoje herança de padrões históricos que separam o masculino do feminino reforçando a desigualdade. O cotidiano escolar produz e reproduz atos que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino.

Na instituição escolar é possível observar a construção de preconceitos ligados a gêneros, no qual enxergamos a divisão das crianças nas brincadeiras. As meninas sempre brincando de casinha, mamãe e filhinha e os meninos brincando de futebol, carrinho. Historicamente as meninas são consideradas menos hábeis em determinadas atividades motoras em relação aos meninos nas mesmas condições, idade e escolaridade.

De acordo com Lucchini (2008) outro ponto possível de observar entre a guerra de sexo, incentivada por alguns professores são as disputas intelectuais dentro de sala de aula, que geralmente privilegia o sexo feminino pelo bom comportamento. Socialmente acreditamos que as meninas nascem mais calmas, dóceis, comportadas e mais interessadas aos estudos.

Muitas vezes, percebemos no ambiente educacional a normalização da formação de filas e grupos por sexo, desta forma reforçando a maneira adequada e esperada para meninos e meninas e dando recompensa com os primeiros lugares nas filas e nas carteiras na sala de aula para as meninas que mantem um “bom comportamento”.

É possível observamos que desde cedo professores e professoras reforçam positiva ou negativamente determinadas atividades, como sendo mais ou menos desejáveis, criando condições para que elas se reproduzam, muitas vezes fazendo comentários desencorajadores

para atividades inusitadas. Essa forma de agir é chamada de estereótipos de papéis de gênero, isto significa o que meninos e meninas podem fazer (LUCCHINI, 2008).

Sobretudo é de suma importância que exista diálogo e ação conjunta das instituições escolares e das famílias, que devem buscar preparar as crianças para conviver em sociedade. Não podemos reforçar preconceitos contra determinado gênero, pois socialmente é dito que ele é mais frágil. As instituições escolares têm o papel de ensinar a igualdade de gênero e isso tem que acontecer desde a EI.

É nas instituições escolares que se aprende o que falar e o que silenciar, nela colocamos todas as nossas expectativas de resistência e superação de padrões de gênero, raça, classe, pensando na invenção de novos comportamentos que demarquem novos arranjos sociais e culturais numa ação entre meninos e meninas.

Relações de gênero e as brincadeiras na Educação Infantil

Muito se fala sobre a brincadeira na EI e sua importância, posto que é fundamental nessa etapa formativa da criança, sobretudo pela influência que esta exerce no desenvolvimento infantil. É brincando que o sujeito aumenta sua independência, estimula sua sensibilidade visual e auditiva, valoriza sua cultura popular, entre outros aspectos já mencionados, assim a brincadeira estabelece uma linguagem própria da criança e é essencial ao desenvolvimento cognitivo e motor da criança a socialização. Os pequenos são capazes de “imitar uma variedade de ações que vão além dos limites de suas próprias capacidades.” (VIGOTSKY, 2008, p.101).

(Re)Pensando na brincadeira faz parte das rotinas nas instituições de E.I, ao convivemos neste espaço podemos nos deparar com falas como: “brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas”, dessa forma mostrar é que buscamos desconstruir colocações como essas, as quais muitas vezes estão cristalizadas no cotidiano pedagógico da escola da infância. “As crianças aprendem o sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados”. (ALAMBERT, apud VALENZUELA; GALLARDO, 1999, p.25). A ideia de que são impostas, ou mesmo reafirmadas, o preconceito de gênero nas brincadeiras reporta a construção de uma sociedade patriarcal machista. Por muito ouvimos de avós, pais, tios e outros que há brincadeiras para meninos e brincadeiras para meninas.

É urgente, enquanto professores atuar sobre a desnaturalização de práticas que oprimem e cerceiam o outro, assim precisamos (des)rotular as brincadeiras infantis, não se pode dizer que um menino não pode brincar de cozinhar, da mesma forma no qual não se pode dizer para uma menina que ela não pode brincar de carrinho, pois é coisa de menino. O diálogo se fortalece na ideia da diversidade e da liberdade, (re)afirmando que todas as crianças, independente do gênero, podem e devem ser o que realmente desejam, a iniciar pelo brincar, afinal que mal teria um menino brincar de boneca ou mesmo a menina de carrinho ou futebol? Não seria esses movimentos oportunos para que aprendam a lidar com facetas do cotidiano, tal qual cuidar dos filhos na vida adulta?

Aprender a viver é constituir-se na inteireza, afinal ser cidadão é ocupar diferentes espaços sociais ativamente. Portanto, para a construção de um sujeito destituído de preconceito é preciso imprimir sobre a formação do mesmo uma pedagogia compromissada com a diversidade, com o respeito de si e do outro, com a liberdade. Desta forma, se iniciamos na infância esse processo de humanização que as instituições de educação da infância possam se valer desses princípios como equalizadores de suas práticas pedagógicas.

Quando desde a infância falamos para as crianças que existem brincadeiras que elas não podem realizar, estamos constituindo crianças que segregam, ou mesmo que atuam para opressão do outro, sobretudo de minorias étnicas, sexuais, feministas e outras. Portanto, é importante termos em mente que as crianças estão destituídas de narrativas preconceituosas, o adulto que impõe essas prerrogativas para as crianças, e leva em práticas do brincar a uma narrativa desprovida de preconceito, sendo no geral o adulto que cerceia e impõe uma ou outra brincadeira a mesmas como se estivesse instituído uma cartilha do brincar masculino e feminino.

Acerca dessas colocações Ariés (1978), reporta que desde a antiguidade as pessoas consideravam as mulheres e as crianças seres inferiores que não se constituíam dignas de serem tratadas com respeito. Aponta ainda que eram tidas como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos e, a partir do momento em que elas apresentavam independência física, eram logo inseridas no mundo adulto.

Segundo Vygotsky (2007), o que determina o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Na abordagem histórico-cultural de Vygotsky, o brinquedo não é só uma atividade que dá prazer à criança, pois muitas outras atividades também o proporcionam e não são consideradas brinquedo. Também não é o fato de existir prazer em certa atividade que vai determiná-la como jogo. Entre as características do brinquedo, segundo o autor, está a satisfação de necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos, pois o brinquedo seria um mundo ilusório, onde qualquer desejo pode ser realizado.

A situação imaginária, assim como as regras, é característica sempre presente no brinquedo. Conforme os estudos de Vygotsky (2007), uma criança brinca de uma determinada profissão, por exemplo, ser um motorista, mas ela pode reproduzir talvez a forma de agir do único motorista que ela viu, mas sua ação será uma representação, não de um certo motorista concreto, mas de um motorista “em geral”.

Segundo Vygotsky (2007) as crianças aprendem muito antes de frequentar a escola. As situações que elas mesmas vão passando ao longo do seu dia a dia são compostas de uma história prévia. O contato com o adulto e a troca de informações faz com que a criança desenvolva um amplo repertório de habilidades, de fato isto ocorre desde o primeiro dia de vida. A ludicidade é uma necessidade do ser humano. Os jogos, as brincadeiras são os principais meios que a criança utiliza para se relacionar com o ambiente físico e social onde vive. Ao brincar, a criança desperta sua curiosidade, ampliando os seus conhecimentos e as suas habilidades. Ela se desenvolve, nos aspectos físicos, sociais, culturais, afetivos, emocionais e cognitivos.

O desenvolvimento é a busca do equilíbrio superior, como processo de equilíbrio constante. Através desse processo surgem novas estruturas de pensamento, novas formas de conhecimento, mas mesmo assim as funções do desenvolvimento serão as mesmas. Faria (2002), aponta que a questão de gênero na pesquisa educacional ainda é um tema pouco explorado. De acordo com a autora, as inúmeras pesquisas que tratam das relações de gênero não costumam abordar as especificidades das diferentes idades e fases da vida, principalmente aquelas que dizem respeito às crianças.

Ao pesquisar o tema: a importância da desconstrução de gênero nas brincadeiras, foi localizado um artigo sobre as relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na brinquedoteca. Esse artigo foi escrito por Rombaldi (2018), com o objetivo de refletir sobre as relações de gênero e o brincar de crianças que frequentam a brinquedoteca da Faed (Fundo de Assistência Educacional). O espaço da Brinquedoteca, com uma organização clara diante do que culturalmente se convencionou como fazeres de meninos e de meninas, apresenta aos protagonistas do brincar uma diversidade de brinquedos e materiais não estruturados, de acesso equitativo e com potencial para significações lúdicas ampliadas, não verificadas.

Oliveira (2005) ao analisar trabalhos no período de 1980 e 2002, constatou que a ideia de infância ainda de forma idealizada. Segunda a autora isso corre por dois motivos: a própria forma idealizada com a qual a sociedade aborda a questão da infância e os condicionantes históricos da própria área de Educação Física. Oliveira (2005) menciona que a Educação Física também tem tratado a criança como um “vir a ser”, no sentido de prepará-la para algo. A autora destaca que se precisa de um debate mais crítico sobre a infância nos cursos de formação profissional em Educação Física, a fim de pensar a criança como um “ser” no presente, e não somente no futuro.

Louro (1996) nos mostra que a construção de gênero se caracteriza por um movimento que inclui toda a sociedade a partir de suas diferentes instituições, seus discursos, práticas e simbolismos. A autora também nos indica que a construção de homens e mulheres se caracteriza por meio de um processo de relação, ou seja, as pessoas são distintas historicamente. Dessa maneira homens e mulheres sempre foram diferentes o problema é quando se procura atribuir tais diferenças a uma ordem “natural”, na qual, transformam-se, por um lento e gradativo processo que pertence á esfera cultural, as diferenças em desigualdades. Louro (1995, p. 3) pondera que

[...] acabamos por naturalizar o que é social, acabamos por colar, aos corpos femininos e masculinos, destinos, possibilidades, sentimentos, disposições, tornando-os inerentes a cada um dos gêneros. Atributos que são sociais e históricos por tanto atributos que são produzidos e fabricados, de diferentes modos, por diferentes sujeitos, em diferentes momentos e sociedades acabam por serem percebidos como universais e eternos.

A autora nos afirma que a escola é um espaço importante nesse processo, com seus estudos é possível vermos apontamentos como as instituições e suas práticas ensinam várias concepções, fazendo com que inúmeras condutas e formas de comportamento, diferenciadas pelo sexo, sejam aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase "naturais".

É possível percebemos que são os adultos que desejam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro. Mas com a observação das brincadeiras, tornou possível concluir que as relações entre meninos e meninas podem ser consideradas dadas importantes para se construir uma relação não hierárquica, uma relação de respeito entre os gêneros. Deste modo, o profissional de EI tem papel fundamental para que essas brincadeiras possam acontecer de forma livre, sem cobranças quanto a um papel sexual pré-determinado.

Ao pensamos em estratégias para lidarmos com as questões de igualdade de gênero é de suma importância pensar em uma educação voltada ao respeito, liberdade, empatia, não violenta e opressora. Quando abordados desde cedo, os temas trazem uma elucidação a questões como igualdade de direitos e liberdades, reconhecendo e valorizando meninos e meninas, em suas individualidades. O trabalho com igualdade de gêneros e empoderamento infantil promove o respeito pelos desejos e expressões de cada um, contribuindo com o rompimento de relações de dominação.

Quando se pensa na educação formal enquanto local de socialização do conhecimento e do preparo para a vida cidadã, há que se levar em consideração a influência de seu papel na vida das crianças. Assim, a instituição educacional contemporânea deve ser um espaço que oportunize também compreender a história da sexualidade, os mecanismos de exclusão e de produção da norma sexual construída ao longo do tempo e, assim, reconstruir o saber e as formas de ser, preservando e respeitando a individualidade e a diversidade entre os sujeitos.

A educação é um pilar necessário para a construção de uma infância baseada no respeito, tanto dentro como fora da instituição escolar, que desconstrua paradigmas e ideias pré-estabelecidas. As crianças observam, absorvem e, conseqüentemente, perpetuam muitos padrões, atitudes e discursos. Trabalhar a desconstrução desses padrões é garantir que elas cresçam em segurança para exercerem sua individualidade, livres de preconceito, violência e confiantes para ser o que quiserem e como quiserem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se debruçou na busca por apreender a natureza das relações de gênero no *tempoespaço* das brincadeiras na EI. Assim, ao longo do texto buscamos um exercício de desconstrução com uma lógica social que atua na determinação do que seja o papel do homem e da mulher, afinal na sociedade moderna essas relações são múltiplas e complexas, urgindo um exercício disruptivo para o seu pleno entendimento.

Nessa conjuntura, as discussões acerca das questões de gênero têm avançado na sociedade nos últimos anos, sendo então tomadas como pauta no universo da educação, o que inclui a EI. A vida cotidiana da EI, em diferentes momentos e de distintas formas, faz emergir as relações de gênero, que seja na presença de professores do sexo masculino nas instituições; no momento do banho, ou mesmo no brincar, no qual, as crianças e professores acabam por reiterar uma concepção de sociedade. Desta forma, esperamos que este trabalho tenha ao impulsionado o debate e as reflexões acerca, e para, a desconstrução dos preconceitos ainda hoje reproduzidos no universo das instituições de EI.

Por fim, ressaltamos a importância de evidenciarmos discussões no campo de gênero na EI, com vista a (re)construção de pensamentos, ou formas de agir das crianças e professores outros, quer seja, que se percebam na diversidade do mundo e respeitem todas as formas de manifestação social.

REFERÊNCIAS

- ÁRIES, F. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394*.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista de Odontologia*, v. 18, nº 3, p. 265-274, 2006.
- BARBOSA, I. G. *Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio histórico-dialética*. São Paulo: FEUSP, 1997 (Tese de Doutorado).
- FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.) *Por uma cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Editores Associados, 2002.
- FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.) *Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte*. Cadernos Pagu (26), Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2006, p 87.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- IZQUIERDO, M. J. *Bases materiais del sistema sexo/gênero*. São Paulo: SOF, 1992.
- MOSER, C. Gender planning in the third world: Meeting practical and strategic gender needs. *World Development*, vol. 17, nº 11, p. 1799 - 1823, 1989.
- LUCCHINI, M. L. Diferença e desigualdade: a influência do gênero nas brincadeiras escolares. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 13, n. 2, jul./dez, 2008.

- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6º ed.- Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C. (Org.) *Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: MEYER, M.; WALDOW; D .E. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- OLIVEIRA, V. B. O brincar e o ingresso no tempo histórico e cultural. In: CAPOVILLA, F. C; VALLE, L. E. L. R. (Orgs.). *Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem*. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2004, p 127-159.
- OLIVEIRA, V. B. (organizadora). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. 9º ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, R. C. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul./dez. 1990.
- OLIVEIRA, A. S; KNÖNER, S. F. *A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2005.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987. p.128
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.